



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações – 4.0 Internacional

## O POEMA DOS POEMAS: DESTAQUES SOBRE A INTERPRETAÇÃO E A ANÁLISE DAS INTERPRETAÇÕES ACERCA DO LIVRO DE CANTARES

The poem of poems: highlights on interpretation and analysis of interpretations  
of the book of songs

Bárbara Strey Wagner<sup>1</sup>

### RESUMO

É fato que a Bíblia tem sido inúmeras vezes interpretada e aplicada no contexto eclesial e social de forma inadequada. A falta de estudo para com outros livros que exemplifiquem o contexto vivido na época em que ocorreram os fatos descritos – e que os autores viveram – interferem drasticamente em uma compreensão mais veraz. Autores como Gordon Fee e Douglas Stuart<sup>2</sup> descrevem a importância de se obter uma boa hermenêutica e exegese partindo de uma base de conhecimentos sobre o contexto, cidade, povo ao qual se refere o texto estudado e ensinado. O presente trabalho, a partir de uma pesquisa bibliográfica, discorre a respeito do contexto autoral, datação, local, tipo de escrita, entre outros, acerca do livro de Cantares. Juntamente com este estudo foi apontada a importância da compreensão da canonização do livro e um pouco do processo de aceitação do mesmo.

**Palavras-chave:** Cantares. Salomão. Interpretação. Cânon.

### ABSTRACT

It is a fact that the Bible has often been interpreted and applied in the ecclesiastical and social context in an inappropriate way. The lack of study of other books that exemplify the context of the time in which the events described took place - and which the authors lived through - drastically interferes with a more truthful understanding. Authors such as

<sup>1</sup> Bacharelada em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira em Ijuí / RS. E-mail: [barbarastrey@batistapioneira.edu.br](mailto:barbarastrey@batistapioneira.edu.br).

<sup>2</sup> Autores do livro intitulado “Entendes o que lês?”

Gordon Fee and Douglas Stuart describe the importance of obtaining a good hermeneutic and exegesis based on knowledge of the context, city and people to which the text studied and taught refers. This paper, based on bibliographical research, discusses the authorial context, date, place, type of writing, among others, of the book of Song of Songs. Along with this study, the importance of understanding the canonization of the book and some of the process of acceptance has been pointed out.

**Keywords:** Song of Songs. Solomon. Interpretation. Canon.

## INTRODUÇÃO

A pesquisa terá seu desenvolvimento na área exegética da Bíblia, abordando as diferentes interpretações do livro de Cantares – ou Cântico dos Cânticos, levando em conta a escrita do texto e sua inserção no Cânon. O estudo abordará a importância da interpretação e sua interferência no texto, bem como o contexto do livro. Assim, argumenta-se a relevância de se compreender o meio em que a Bíblia foi inserida inicialmente e entender que o conhecimento adquirido será pertinente na interpretação da mesma. Desse modo, no primeiro capítulo será analisada a importância da interpretação e como ela interfere na leitura do livro, analisando-se os tipos de interpretação e qual caminho mais adequado para Cantares.

Já o segundo ponto trará uma leitura do pano de fundo do livro. Neste momento será pontuado datação, autoria, contexto cultural, entre outros pontos. Visa-se colocar lado a lado as informações encontradas sobre o livro, a fim de se comentar quais destas informações auxiliam na compreensão do texto escrito.

No terceiro ponto serão pontuadas as interpretações mais recorrentes de Cântico dos Cânticos, bem como a mais indicada dentro da análise interpretativa de alguns autores. No decorrer dos tipos de interpretações serão expostos os pontos coerentes e os incoerentes de cada tipo das interpretações expostas. Por fim, será comentada a importância deste compilado de informações para a aceitação deste livro no Cânon, pontuando pontos que corroboram juntamente com os contrapontos.

### 1. A IMPORTÂNCIA DA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

Atualmente notam-se inúmeros conflitos por falta de uma boa comunicação e compreensão do que é dito e no que se gostaria de dizer. Com a interpretação bíblica não é diferente. Em relação a interpretar e compreender o que ela diz e o que ela quer dizer há uma caminhada a se traçar.<sup>3</sup>

Logo, faz-se necessário observar como se “entende” um texto da Bíblia. “Para o estudioso bíblico, a hermenêutica significa aquele [...] ‘sentido claro’ das Escrituras, inspirado [...] e entendido com a ajuda do Espírito”;<sup>4</sup> assim como, a chamada exegese “é o estudo

---

<sup>3</sup> KLEIN, William W. **Introdução à interpretação bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 1997, p. 45.

<sup>4</sup> DYCK, Elmer. **Hermenêutica: uma abordagem multidisciplinar da leitura bíblica**. São Paulo: Shedd, 2012, p. 12.

cuidadoso e sistemático da Escritura para descobrir o significado original que foi pretendido”.<sup>5</sup> Em outras palavras, a hermenêutica tem o objetivo de descobrir a intenção do autor, tanto o humano quanto Deus,<sup>6</sup> enquanto a exegese busca analisar o pano de fundo do texto – parte histórica, literária e teológica, por exemplo.<sup>7</sup> Portanto, no ponto que segue serão consideradas questões que envolvem desafios da interpretação bíblica.

### 1.1 Desafios da interpretação

Os autores William W. Klein, Craig L. Blomberg e Robert L. Hubbard Jr, ao escreverem o livro intitulado *Introdução à Interpretação Bíblica*, elencam 4 distâncias que ocorrem no trabalho da interpretação: a distância no tempo, cultural, geográfica e do idioma.<sup>8</sup> O primeiro item aqui citado é a distância no tempo, que é bem perceptível, visto que vários escritos possuem séculos e alguns de seus escritos originais são inalcançáveis para a sociedade no geral.<sup>9</sup> Isso reflete no momento da interpretação que deve tomar nota da época em que se deu o escrito, seja no Antigo Testamento ou Novo Testamento.<sup>10</sup>

Além do aspecto do tempo, é necessário considerar a distância cultural. Por mais que possuam escritos e relatos de como os povos eram ou se portavam, a vivência e o contato com eles trarão experiências e notações divergentes às vezes. Isso se deve ao fato da existência da distância cultural. A Bíblia possui inúmeros contextos culturais os quais, em vários momentos, serão incompreendidos pelo leitor.<sup>11</sup>

Assim como é difícil conhecer a cultura, conseqüentemente torna-se igualmente difícil conhecer os locais citados na Escritura Sagrada.<sup>12</sup> Por mais que se tente buscar por meios tecnológicos conhecer o espaço de forma virtual, a imaginação do estudioso pode querer interferir no momento da interpretação.

Analisando as distâncias anteriores, imaginando a possibilidade de se deslocar para algum lugar bíblico, conhecer a cultura e entender o tempo que os cercava para poder de fato compreender, há ainda uma distância que separa: a língua. Além de serem línguas com certa complexidade, elas – hebraico e grego, por exemplo – já sofreram modificações, tornando-se mais modernas.<sup>13</sup> Então, o intérprete depende de especialistas linguísticos para obter dados mais específicos que estão “escondidos” nas palavras.<sup>14</sup>

---

<sup>5</sup> FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lê?** Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 19.

<sup>6</sup> OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica.** São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 29.

<sup>7</sup> GORMAN, Michael J. **Introdução à exegese bíblica.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017, p. 26.

<sup>8</sup> KLEIN, 1997, p. 64-71.

<sup>9</sup> KLEIN, 1997, p. 64.

<sup>10</sup> No decorrer do artigo, o Antigo Testamento será referenciado por AT e o Novo Testamento por NT.

<sup>11</sup> KLEIN, 1997, p. 67.

<sup>12</sup> KLEIN, 1997, p. 67.

<sup>13</sup> KLEIN, 1997, p. 70.

<sup>14</sup> KLEIN, 1997, p. 70.

## 1.2 A simplificação da interpretação e a responsabilidade do intérprete

Apesar de todas as distâncias e dificuldades, uma verdade há: a Bíblia deve interpretar a si mesma. Existe um choque e temor na interpretação da Palavra pelos seminaristas e futuros teólogos,<sup>15</sup> porém “o que é complexo é o exercício de transpor o abismo entre a situação original e os nossos dias, não o significado que resulta disso”.<sup>16</sup>

É fato que a Palavra tem alto poder, pois é viva e é Palavra de Deus,<sup>17</sup> e ela se completa, mas há a responsabilidade do intérprete.<sup>18</sup> O leitor possui a sua bagagem de conhecimento, ou seja, seus conhecimentos prévios acerca do mundo a sua volta e o que está relacionado a ele.<sup>19</sup>

“Raramente lemos a Bíblia em busca da verdade: o que mais acontece é querermos harmonizá-la com nosso sistema de crenças e ver seu significado sob a perspectiva de nosso sistema teológico preconcebido”.<sup>20</sup> Por isso, deve-se pensar no pré-conhecimento como auxiliador, não como determinante na arte de interpretar.

## 2. O CONTEXTO DE CANTARES

Analisando a língua na qual tem-se o escrito da expressão de Cantares no hebraico como *shir hashirim* (שיר השירים), que é traduzida por Cântico dos Cânticos,<sup>21</sup> assim também há uma ênfase no termo “Santo dos santos” e “Rei dos reis”, há em Cântico dos Cânticos, dando destaque para “o mais excelente dos cânticos”.<sup>22</sup>

Padilha em seu comentário bíblico descreve:

Cântico dos Cânticos descreve de forma metafórica o corpo nu do homem e da mulher e sua união física, com um conteúdo altamente erótico. Embora não mencione o nome de Deus, o livro é um texto canônico, e nós o lemos no contexto do matrimônio. Seu conteúdo preenche um vazio nas Escrituras ao tomar o tema inevitável da sexualidade humana e endossá-lo com interesse e admiração.<sup>23</sup>

Assim, para compreender melhor o livro e suas características, nos pontos que seguem buscar-se-á analisar o pano de fundo dele, a partir de detalhes como autoria, data, local e demais detalhes.

<sup>15</sup> OSBORNE, 2009, p. 33.

<sup>16</sup> OSBORNE, 2009, p. 33.

<sup>17</sup> FEE, 1997, p. 11.

<sup>18</sup> FEE, 1997, p. 14.

<sup>19</sup> OSBORNE, 2009, p. 35.

<sup>20</sup> OSBORNE, 2009, p. 35.

<sup>21</sup> CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado**: versículo por versículo. São Paulo: Hagnos, 2001, vol. 4, p. 2749.

<sup>22</sup> WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: poéticos. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2008, vol. 3, p. 513.

<sup>23</sup> PADILLA, C. René. **Comentário bíblico latino-americano**. São Paulo: Mundo Cristão, 2002, p. 825.

## 2.1 Autoria

Dentro da tradição judaica, assim como muitos teólogos mantém, dá-se o mérito de autoria ao rei Salomão, visto que ele produziu cerca de 1000 cânticos e o mesmo é mencionado em vários versículos do livro em análise, tais como: 1.1, 5; 3.7, 9, 11, entre outros.<sup>24</sup> Também há menção em alguns versículos de um rei e de um pastor (exemplos, 1.4, 12 e 1.7, 8, respectivamente), assim como eram chamados alguns governantes no Antigo Testamento.<sup>25</sup>

Todavia, há contrapontos ao relacionar a autoria de Cantares ao rei Salomão, mesmo as vezes sendo estranha, como pontua Wiersbe.<sup>26</sup> Um dos argumentos usados contra a ideia de Salomão ser o autor é o próprio título do livro ser alterado pelas editoras, de Cântico dos Cânticos para Cantares de Salomão, impondo, assim, uma autoria ao livro.<sup>27</sup> Outro contraponto usado é o uso “fictício” do nome de Salomão, pontuando a influência da escrita literária da época<sup>28</sup> – que será exposta mais adiante no presente trabalho – assim como a própria escrita hebraica, possuindo ambiguidades na transliteração de uma das partículas, podendo significar “para”, “acerca”, “segundo” ou, ainda, “de”, dando ênfases diferentes.<sup>29</sup> Com esses argumentos, juntamente com a análise do texto, pode-se corroborar com Gusso, o qual pondera que “o livro foi escrito mais a respeito do rei Salomão do que propriamente por ele”.<sup>30</sup>

## 2.2 Data e local

Ao se inclinar para um lado de autoria, seja de Salomão ou de outro indivíduo, conduzirá cada estudioso para fazer a escolha quanto à datação do livro.<sup>31</sup> Alguns indivíduos favoráveis à escrita como sendo do rei Salomão pontuam que a escrita ocorreu durante o seu reinado,<sup>32</sup> outros por analisarem a menção à cidade de Tirza<sup>33</sup> (Ct 6.4) aceitam o momento do exílio ou pós-exílio, ou seja, pouco após a morte de Salomão.<sup>34</sup>

O intervalo de escrita para muitos varia do 1º séc. a.C. até o 12º a.C., mas enfatizam que alguns termos do hebraico são referentes ao momento pós-exílico.<sup>35</sup> Analisando questões

<sup>24</sup> WIERSBE, 2008, p. 513.

<sup>25</sup> WIERSBE, 2008, p. 513.

<sup>26</sup> WIERSBE, 2008, p. 513.

<sup>27</sup> VILLA-FORTE, Marcelo. **O cântico dos cânticos: a interpretação da sua mensagem e seu lugar no cânon cristão.** São Paulo: Fonte, 2018, p. 29.

<sup>28</sup> VILLA-FORTE, 2018, p. 29.

<sup>29</sup> CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.** 2.ed. São Paulo: Candeia, 1995, vol. 6, p. 71.

<sup>30</sup> GUSSO, Antônio Renato. **Os livros poéticos e os da sabedoria: introdução fundamental e auxílios para a interpretação.** Curitiba: ADSantos, 2012, p. 107.

<sup>31</sup> CHAMPLIN, 1995, vol. 6, p. 71.

<sup>32</sup> CHAMPLIN, 1995, vol. 6, p. 71.

<sup>33</sup> Cidade da Cananea; primeira capital do Reino Norte, citada depois de 750 a.C. (1Rs 14.17, 15.14-21, 16.6, 8) (VILLA-FORTE, 2018, p. 24).

<sup>34</sup> VILLA-FORTE, 2018, p. 25.

<sup>35</sup> PADILLA, 2002, p. 825.

como perfumes citados, comércio e outros, autores como Padilla indicam 250 a.C. o ano da escrita. Assim, eliminam a escrita do rei Salomão, ou seja, séc. III.<sup>36</sup>

Considerando a escrita como sendo de Salomão, pode-se considerar o local de redação Jerusalém, juntamente com a análise da boa escrita do rei em 1Rs 4.32.<sup>37</sup> Especulações, considerando a escrita como sendo de outro autor, o qual usaria o nome do rei Salomão, consideram que a escrita ocorreu no Reino Norte, até em Samaria.<sup>38</sup>

### 2.3 Escrita, tema e tipo de literatura

Enquanto a autoria, datação e origem da escrita não são claras para a compreensão, o tema e tipo de escrita são mais compreensíveis para se observar. Conforme Wiersbe, o tema descreve três dádivas dadas pelo Senhor ao casal no matrimônio: “a excitação e prazer do sexo, do amor e do casamento”.<sup>39</sup> É notória a importância que o casamento tinha para a cultura hebraica, no qual os noivos estavam em total compromisso, assim como o prazer no leito conjugal era considerado bênção de Deus, bem como a concretização do matrimônio pelo ato sexual.<sup>40</sup> Para Padilla, analisando esse contexto de noivos e de casados, nota-se uma divisão no livro, sendo a primeira parte (Ct 1.1-5.1) a parte do noivado e a segunda parte (Ct 5.2-8.14) a parte do matrimônio.<sup>41</sup>

Pela análise tipológica, nota-se uma estrutura poética no texto, possuindo ritmo, assonâncias e paralelismo.<sup>42</sup> Ribeiro, citando H. Schonfield, destaca que:

considera-o [o livro de Cantares] incomparável; um clássico da literatura hebraica em seu gênero, tendo como autor um poeta genial. Diz ele, ainda, que o poeta talvez tenha achado um modelo de liturgias antigas ou em lendas populares para sua admirável composição, mas a todas o seu poema excede em graça e beleza.<sup>43</sup>

Observa-se, a partir do próprio termo *Shîr* (שיר), que este escrito traz a ideia de um poema por canto, mas sem ser, necessariamente, acompanhado por instrumentos.<sup>44</sup> O poema ressalta, pelas metáforas, linguagem parabólica e enredo, a fidelidade do amor e sua beleza.<sup>45</sup>

### 2.4 Teologia

Para Wiersbe, a teologia deste livro emprega no seu tema principal, a importância do casamento e o amor íntimo entre o homem e a mulher.<sup>46</sup> Nota-se também que o nome de Deus não aparece explicitamente na redação, porém, identifica-se esse cuidado de Deus para

---

<sup>36</sup> PADILLA, 2002, p. 825.

<sup>37</sup> CHAMPLIN, 2001, p. 2750.

<sup>38</sup> CHAMPLIN, 1995, vol. 6, p. 72.

<sup>39</sup> WIERSBE, 2008, p. 513.

<sup>40</sup> WIERSBE, 2008, p. 513.

<sup>41</sup> PADILLA, 2002, p. 826.

<sup>42</sup> RIBEIRO, S. J. *Cântico dos Cânticos*. Guanabara: Casa Publicadoras Batista, 1970, p. 31.

<sup>43</sup> RIBEIRO, 1970, p. 31.

<sup>44</sup> GUSSO, 2012, p. 8.

<sup>45</sup> RIBEIRO, 1970, p. 33.

<sup>46</sup> WIERSBE, 2008, p. 513.

sua criação: o casamento, a união do homem e mulher e a constituição da família.<sup>47</sup> Além disso, o conteúdo enfatiza a verdade de que tudo pertence a Deus, o Senhor criador de todas as coisas e seres.<sup>48</sup>

### 3. INTERPRETAÇÕES DE CANTARES

Com este conhecimento prévio acerca do livro de Cantares, pode-se partir para as interpretações realizadas ao longo dos séculos. Existem inúmeras linhas de pensamento para isso, porém, serão apresentadas apenas quatro delas no presente trabalho.

#### 3.1 Interpretação alegórica

A primeira interpretação, como o próprio nome descreve, traz a ideia de alegoria, na qual o que está escrito quer dizer uma coisa divergente do que foi relatado.<sup>49</sup> Sendo assim, negam o pano de fundo, desconsiderando a história por trás do relato.<sup>50</sup> Apesar de encontrar-se metáforas nos versos de Cantares, é notório o perigo que há em se interpretar todo o livro como alegoria.<sup>51</sup>

Tais comentaristas, que alegorizam Cantares, deixam de lado o relacionamento homem/mulher, tão vividamente descrito no poema, para interpretá-lo inteiramente em termos do relacionamento de Deus com Israel, ou de Cristo com Sua igreja.<sup>52</sup>

Logo, o leitor não se preocupa com o amor de Salomão e a Sulamita – ou aquele que “se fez” Salomão e sua amada – considerando tudo uma ficção.<sup>53</sup>

#### 3.2 Interpretação tipológica

A interpretação tipológica também tem por base que o relato de Cantares remete para Cristo/Igreja ou Deus/Israel, porém há uma diferença com a alegórica, pois considera o contexto histórico do texto, o Antigo Testamento.<sup>54</sup> Apesar dessa forma de interpretação considerar tanto a historicidade quanto a parte espiritual, e levar em conta o poema em si, essa interpretação pontua o sentido mais amplo de Cristo e sua Noiva.<sup>55</sup>

Alguns rabinos analisam toda a história de Israel no livro, tendo como base essa forma interpretativa do livro.<sup>56</sup> Com isso, como descrito, uma das interpretações que tiram do Cântico é a representação de Cristo e a Igreja ou, ainda, de Deus e o povo de Israel.<sup>57</sup>

---

<sup>47</sup> VILLA-FORTE, 2018, p. 31-32.

<sup>48</sup> VILLA-FORTE, 2018, p. 32.

<sup>49</sup> GUSSO, 2012, p. 107.

<sup>50</sup> GUSSO, 2012, p. 107.

<sup>51</sup> EATON, Michael A. **Eclesiastes e Cantares de Salomão**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1989, p. 183.

<sup>52</sup> EATON, 1989, p. 184-185.

<sup>53</sup> BAXTER, J. Sidlow. **Examinai as Escrituras**: Jó a Lamentações. São Paulo: Nova Vida, 1993, vol. 3, p. 180.

<sup>54</sup> BAXTER, 1993, vol. 3, p. 186.

<sup>55</sup> BAXTER, 1993, vol. 3, p. 180.

<sup>56</sup> GUSSO, 2012, p. 108.

<sup>57</sup> EATON, 1989, p. 185.

### 3.3 Interpretação dramática

Seguindo além da história, tem-se a dramatização, buscando todo um enredo com clímax para discorrer o relato em Cântico dos Cânticos.<sup>58</sup> Todavia, logo há contrapontos, sendo o primeiro deles a cultura dos judeus. Estes não concordavam com a dramatização e as peças.<sup>59</sup> Em segundo lugar, não há de fato uma estrutura para um drama ser considerado, principalmente pela ausência de um clímax.<sup>60</sup> Além dos pontos expostos, essa forma de interpretação é um tipo de hermenêutica considerada ultrapassada.<sup>61</sup>

### 3.4 Interpretação literal

Nota-se que as interpretações citadas - alegórica, tipológica e dramática - deixam lacunas incompletas e certas “pulgas atrás da orelha” para se concordar de forma plena. Sendo assim, há ainda uma interpretação a ser descrita: a interpretação literal.

Esta visa o equilíbrio entre o tipo de escrita, o contexto no qual foi escrito e a própria leitura do texto.<sup>62</sup> Também chamada de interpretação natural, ela conduz o leitor a observar de fato a canção erótica, o amor e a fidelidade dos amantes (amantes como casal em matrimônio),<sup>63</sup> bem como relatam “clara e explicitamente, a respeito de sentimentos, desejos, interesses, esperanças e temores” do casal.<sup>64</sup>

Diversos poemas de amor foram descobertos na Mesopotâmia, Egito e Síria, os quais – segundo os historiadores – se assemelham com o texto de Cantares, como exemplificado a seguir:

Eu digo: Ó formosa mulher, teus encantos eu jamais posso contar.  
E, apenas o pouco que irei descrever, é o que os meus olhos me permitem ver:  
Sua cabeça é como o cálice de cristal, seu cabelo como a noite escura,  
Seu cabelo é como as sete noites, igual não há em todo o ano;  
Em ondas se movem para cá e para lá, como a corda que ela lança para pegar água.  
E as suas faces exalam qual fragrância, que me mata. [...]  
Seu nariz é como a tâmara do Iraque, como o fio da espada indiana;  
Seu rosto é como a lua cheia, e um coração se partindo são as suas faces. [...]  
Sua saliva puro mel de virgem, e a cura para a picada da víbora.  
Comparável à escrita elegante, o Seijai desce por seu queixo. [...]  
Seus seios como placas de mármore polido, quando os navios as trazem para Sidom.  
Ali como pomos da romã duas joias brilhantes...<sup>65</sup>

<sup>58</sup> RIBEIRO, 1970, p. 38.

<sup>59</sup> RIBEIRO, 1970, p. 38.

<sup>60</sup> RIBEIRO, 1970, p. 38.

<sup>61</sup> EATON, 1989, p. 196.

<sup>62</sup> BAXTER, 1993, vol. 3, p. 180.

<sup>63</sup> BAXTER, 1993, vol. 3, p. 180.

<sup>64</sup> EATON, 1989, p. 196.

<sup>65</sup> DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 251.



Ou, ainda, um poema egípcio, de Chester Beatty:

...uma gazela  
correndo pelo deserto;  
os pés feridos,  
as pernas exaustas,  
o medo lhe penetra o corpo.  
Os caçadores a perseguem,  
Trazendo consigo seus cães.  
Antes de beijares tua mão quatro vezes,  
encontrarás seu esconderijo,  
ao caçares a amada.  
É que foi a Deusa de Ouro  
Quem a separou para ti, amigo.<sup>66</sup>

Como Eaton e Carr descrevem em seu comentário acerca do livro há diversos textos nas Escrituras que discorrem sobre o relacionamento de Deus com seu povo (Israel) ou de Cristo com sua Noiva. Portanto, não há a necessidade de Cantares relatar sobre isso.<sup>67</sup> Diante de tantas interpretações, sabe-se que Cantares não foi aceito para o Cânon com facilidade, mas cada livro tem seu caráter espiritual e relevância,<sup>68</sup> e isto é o que será exposto no próximo ponto.

#### 4. A CANONICIDADE DO LIVRO DE CANTARES

Antes da importância da compreensão do contexto e tipo de texto a ser realizado na exegese, vale ressaltar a importância do estudo da Bíblia por completo, compreendendo sua revelação pelas Escrituras, o conhecimento de Deus e de sua vontade, assim como um aprofundamento no relacionamento com o Senhor por meio dela.<sup>69</sup> Assim, ao analisar o Cânon e sua formação, mesmo que de forma sucinta, é extremamente relevante considerar as interpretações antes apresentadas.

O termo grego *kavov* (transliterado por *canon*), cuja transliteração é cânone – posteriormente Cânon – tem o significado de cana ou vara, remetendo a algo que irá medir.<sup>70</sup> Logo, não é à toa que a Bíblia é comumente conhecida como o “manual do cristão”, sendo uma régua para a vida dele, a fim de manter um parâmetro para seguir um caminho coerente ao desejo do Senhor.

O cânon como regra ou padrão para os que acreditam é considerado o compilado de revelações de Deus por meio da inspiração do Espírito Santo aos escritores.<sup>71</sup> Assim, essa inspiração pelo Santo Espírito está na escrita, porém, a compilação é ato religioso – ainda que guiado por Deus.<sup>72</sup>

---

<sup>66</sup> EATON, 1989, p. 197.

<sup>67</sup> EATON, 1989, p. 197.

<sup>68</sup> BAXTER, 1993, vol. 3, p. 180.

<sup>69</sup> VILLA-FORTE, 2018, p. 140.

<sup>70</sup> VILLA-FORTE, 2018, p. 142.

<sup>71</sup> VILLA-FORTE, 2018, p. 143.

<sup>72</sup> RIBEIRO, 1970, p. 22.

## 4.1 A posição do livro no Cânon

Gusso enfatiza essa inspiração do Senhor, mas pontua a diferença entre os cânones compilados pelos diferentes grupos religiosos. Notar-se-á dois deles a seguir.

### 4.1.1 Cânon Hebraico

A Bíblia hebraica inicia com os 5 livros da lei, conhecidos como Torah, denominados por Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, escritos por Moisés. A segunda parte segue com os livros proféticos, divididos em duas partes, os anteriores<sup>73</sup> e posteriores<sup>74</sup> ao exílio.<sup>75</sup> Para finalizar, seguem os escritos, nos quais se encontram os sapienciais e poéticos, sendo Salmos, Provérbios e Jó os primeiros e, posteriormente Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras, Neemias e Crônicas.<sup>76</sup> Vários críticos pontuam o grau de importância dos livros para possuírem essa ordem, Lei, Profetas e Escritos.<sup>77</sup> O livro Cântico dos Cânticos foi inserido entre os sapienciais devido a “ausência de referência às tradições sagradas” e pela característica parecida de textos de outros locais, como já citado anteriormente.<sup>78</sup>

### 4.1.2 Cânon Protestante

Há pouca divergência entre o Cânon Hebraico e o Protestante, sendo a diferença os livros de Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares – nesta ordem – posicionados entre os livros Históricos e Proféticos.<sup>79</sup> Sendo assim, na descrição estes seguem a ordem do Pentateuco, seguido por Históricos, Poéticos (ou sapienciais) e proféticos, incluindo neste último grupo o livro de Lamentações, com Jeremias como autor aceito pela tradição.<sup>80</sup>

## 4.2 Motivo da inclusão do Cântico

Independente de posição ou ordem dos livros sabe-se que todos possuem sua devida importância para a história e revelação divina às pessoas.<sup>81</sup> Então, a questão que permanece é: por que o Cântico dos Cânticos está no Cânon? Ou, ainda, qual a intenção teológica que levou este livro a estar compilado com os outros? Para responder essas indagações, Villa-Forte pontua o peso que a interpretação alegórica teve nessa escolha.<sup>82</sup> Essa interpretação tem prevalecido até hoje.<sup>83</sup>

---

<sup>73</sup> Isaías, Jeremias, Ezequiel (VILLA-FORTE, 2018, p. 144).

<sup>74</sup> Restante dos profetas (VILLA-FORTE, 2018, p. 144).

<sup>75</sup> VILLA-FORTE, 2018, p. 144.

<sup>76</sup> VILLA-FORTE, 2018, p. 144.

<sup>77</sup> GUSSO, 2012, p. 4.

<sup>78</sup> VILLA-FORTE, 2018, p. 144.

<sup>79</sup> GUSSO, 2012, p. 5.

<sup>80</sup> GUSSO, 2012, p. 6.

<sup>81</sup> GUSSO, 2012, p. 6.

<sup>82</sup> VILLA-FORTE, 2018, p. 146.

<sup>83</sup> CHAMPLIN, 1995, p. 71.

De início, por ter a escrita erótica, a inclusão do livro teve muita oposição, por isso a leitura alegórica do escrito veio como uma “solução” para a aceitação.<sup>84</sup> Consequentemente, os autores buscaram ter cautela na leitura do livro<sup>85</sup> por apresentar esse conteúdo mais sexual e impróprio para ser lido em público.<sup>86</sup>

Além disso, eles apontaram a ausência do nome de Deus escrito de forma explícita, um obstáculo para a aceitação do livro, sendo até considerado um livro profano.<sup>87</sup> Então, apenas com a Septuaginta (285 a.C.) obteve-se a inclusão de Cântico dos Cânticos como sapiencial.<sup>88</sup>

A análise de gênero feita acima nos levaria ao que poderia ser considerada uma conclusão negativa com relação à mensagem teológica do livro. O principal objetivo do livro não é retratar a relação entre Deus e seu povo, mas antes exaltar o amor sexual entre um homem e uma mulher. Contudo, essa mensagem é tão importante hoje como sempre foi. A sociedade e a igreja têm, muitas vezes, deturpado a sexualidade humana, assim é importante lembrar que o sexo, dentro dos parâmetros do casamento, é uma dádiva de Deus.<sup>89</sup>

O fato é, como já descrito, que “todos os escritos são santos, mas o Cântico dos Cântico é [considerado] o santo dos santos”.<sup>90</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, que ao se estudar a importância da interpretação e o contexto no qual o livro de Cantares está inserido, as colocações acerca da sua autoria e datação – até às incertezas – tem-se direção para compreender as interpretações que existem sobre o texto. Logo, com as interpretações pode-se, juntamente, compreender a inclusão deste livro no Cânon e sua relevância para a vida do cristão.

Este estudo auxilia o indivíduo inserido na sociedade a viver de acordo com a “régua” que é a Bíblia, até mesmo por Cantares, que “mostra que amor não tem preço, [que] é forte como a morte”<sup>91</sup> e além, é o gozo por meio da união conjugal.<sup>92</sup>

## REFERÊNCIAS

BAXTER, J. Sidlow. **Examinai as Escrituras**: Jó a Lamentações. São Paulo: Nova Vida, 1993. Vol. 3.

CHAMPLIN, Russell Norman; BENTES, João Marques. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. 2.ed. São Paulo: Candeia, 1995.

---

<sup>84</sup> CHAMPLIN, 1995, p. 71.

<sup>85</sup> CHAMPLIN, 1995, p. 71.

<sup>86</sup> VILLA-FORTE, 2018, p. 146.

<sup>87</sup> RIBEIRO, 1970, p. 27 e 28.

<sup>88</sup> RIBEIRO, 1970, p. 29.

<sup>89</sup> DILLARD, 2006, p. 253.

<sup>90</sup> CHAMPLIN, 1995, p. 71.

<sup>91</sup> GUSSO, 2012, p. 6.

<sup>92</sup> BAXTER, 1993, vol. 3, p. 17.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado**: versículo por versículo. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2001. Vol. 4.

DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

DYCK, Elmer. **Hermenêutica**: uma abordagem multidisciplinar da leitura bíblica. São Paulo: Shedd, 2012.

EATON, Michael A. **Eclesiastes e Cantares de Salomão**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1989.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lês?** Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1997.

GORMAN, Michael J. **Introdução à exegese bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017.

GUSSO, Antônio Renato. **Os livros poéticos e os da sabedoria**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2012.

KLEIN, William W. **Introdução à interpretação bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 1997.

OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PADILLA, C. René. **Comentário bíblico latino-americano**. São Paulo: Mundo Cristão, 2002.

RIBEIRO, S. J. **Cântico dos Cânticos**. Guanabara: Casa Publicadoras Batista, 1970.

VILLA-FORTE, Marcelo. **O Cântico dos Cânticos**: a interpretação da sua mensagem e seu lugar no cânon cristão. São Paulo: Fonte, 2018.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Poéticos. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2008. Vol. 3.